

## O ALGOZ DE CASACA

---

**letrônica**

---

Douglas Ceccagno<sup>1</sup>

Do convés, observava o imenso deserto negro que se estendia pela água e se confundia no horizonte com a abóbada celeste. Era uma esfera infinita de trevas que envolvia o brigue por todos os lados. Nem sequer o afastamento da tempestade iminente durante o dia fez com que as nuvens deixassem ver o brilho das estrelas. Em meio à violência monótona dessas trevas, até o brigue parecia estático, não fosse o barulho vindo do fundo do navio, que fustigava incansável e cuidadosamente a massa d'água sem fim.

Buscou na algibeira o relógio: era quase meia-noite. O sono, nas últimas noites, não tinha hora nem força para chegar. A agitação dos dias e a emoção da aventura faziam com que o seu espírito, mesmo na calma noturna, não atingisse nunca um sossego completo. Sentia-se como um bravo ali, partilhando da aventura marítima com aqueles marinheiros brutos, cujos nervos invencíveis eram forjados nos trabalhos do navio e nos perigos das tempestades, e esse espírito desbravador o deixava continuamente agitado.

Durante o dia, observando os serviços dos marinheiros, quase não existia espaço em sua alma para as coisas e as pessoas que ficaram para trás; mas à noite, a monotonia da paisagem despertava a saudade da capital, do teatro, dos amigos da faculdade. Sobretudo, feria o seu peito a melancólica lembrança de Eugênia. Quando pensava nela, já duvidava do valor da aventura, a custo da separação e da longa ausência. Por que havia aceitado aquele convite esdrúxulo do Coimbra para um passeio tão longo? Agora que o amigo, colega do

---

<sup>1</sup> Professor da Área de Letras e Filosofia da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

curso de Direito, havia desaparecido do brigue, que ninguém sabia dele e nem parecia se preocupar com seu destino, os sentimentos se misturavam. Em sua imaginação, via Coimbra ao seu lado, no camarote do teatro, enquanto Eugênia encenava a Marília de Dirceu. Mas logo o devaneio desaparecia, e tudo voltava a ser as vagas – imensas, eternas, nebulosas.

Quando devolvia o relógio à casaca, um suspiro fundo quis encher seus pulmões, mas foi interrompido pelo toque em seu ombro: Saudades da pátria, rapaz? A interrupção o fez agarrar rapidamente o lenço para tossir. Depois, olhou hesitante para o recém chegado. Se ao menos fosse o Coimbra quem acabasse tão bruscamente com a sua solidão, uma de suas preocupações estaria afastada. Porém, o capitão do brigue preferiu não perceber o incômodo que causava: É melhor dormires bem esta noite. Temos ainda uma longa viagem pela frente.

Antônio aquiesceu com a cabeça, engoliu um novo acesso de tosse e, querendo fugir daquela companhia indesejável, quando era preferível a lembrança de Eugênia distante ou de Coimbra desaparecido do que qualquer intromissão alheia nos seus pensamentos, se dirigiu contrariado ao seu cômodo. Além da insônia, da saudade da amante, da ausência inexplicável do amigo, era possível que tivesse que ficar também sem aquela paisagem monótona, sem o ar fresco do convés, limitado à visão de um teto? O fato é que se sentia menos audaz na presença do capitão, que o fazia perceber quieta, dentro de si, a vergonha de se considerar um bravo aventureiro quando era somente um convidado que nem sequer ajudava a erguer as velas. Ajeitou o travesseiro de penas de encontro à parede, acendeu o cachimbo e se estirou no leito. A noite prometia ser longa e monótona como a maré, porém sem o mesmo vento no rosto. A aventura se transformava agora numa prisão e nem o sono aparecia para libertá-lo.

Longas horas se passaram até que o pensamento, fugindo ao seu controle e à imagem de Eugênia, buscou na retórica algumas palavras sobre o seu heroico empreendimento. Sentou à escrivaninha, pegou a pena e ensaiou uns versos: *Estamos em pleno mar... Doudo no espaço... Brinca o luar*. Apesar da melancolia, o verso lhe saía alegre. Resolveu dar continuidade ao poema enquanto as palavras o procuravam: *E as vagas após ele correm... / Cansam como turba de infantes*. Dois octassílabos, porém a métrica ainda estava inadequada. Era bom descrever essa paisagem cujo ar fresco não podia respirar. Logo observou que o tom épico do primeiro verso perturbava a unidade do conjunto: *Estamos em pleno mar*. Não deixou de notar também que, apesar da grandiloquência do verso, a métrica era quase a de uma redondilha. Melhor era procurar o decassílabo, mais adequado à epopeia. Uniu os dois primeiros versos: *Estamos em pleno mar... Doudo no espaço...* Contou nos dedos: onze

sílabas. Isso agora estava fácil de resolver. Sorriu da liberdade poética dos novos tempos. Gonzaga o teria condenado ao degredo. Riscou novamente e reescreveu: *'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço / Brinca o luar*. Havia encontrado o decassílabo.

Quando lembrou de novo do amigo, abençoou intimamente aquele início de poema que o tinha feito esquecer das preocupações por um instante. E cogitou se, na sua madrugada insone, não seria possível que o capitão já tivesse se recolhido. Abandonou a pena e voltou ao convés. Andava devagar, pé ante pé, evitando se deparar com uma irritante vigília do capitão.

Quando se assegurou de que não havia mais ninguém no convés, respirou sossegado e se pôs a observar o universo de trevas: um imenso deserto negro na superfície do mar. Procurou na algibeira o cachimbo, companheiro inseparável das inspirações noturnas, e percebeu que o deixara em seu cômodo. Já esboçava o primeiro passo para ir buscá-lo quando escutou um grito horripilante no meio das trevas.

Imediatamente pensou no Coimbra, o amigo desaparecido. Deu uns primeiros passos, mas hesitou. Se alguém precisasse de socorro, não seria a ele, moço franzino, que iriam recorrer. Além disso, Coimbra certamente teria ficado no porto de Serra Leoa: era preciso admitir essa possibilidade, embora não quisesse crer que o amigo o abandonara em sua volta ao Brasil. Coimbra vivia de viagem e devia ter lá suas raparigas, o que era a única justificativa possível para que o impelisse, quase como uma ordem, que fosse passear pelo local enquanto ele e os homens resolviam certos negócios. Não queria o Coimbra esconder o que todos sabiam: que aquele era um brigue destinado à importação de negros para os senhores de engenho. E, mesmo se o quisesse, seria um esforço inútil, pois o barulho e a movimentação dos marinheiros no navio durante o retorno fatalmente denunciariam a empreitada. O caso é que, não podendo impedir a fortuna de agir, era no mínimo interessante para um poeta como ele que pudesse ver a realidade com os próprios olhos. Faria depois um poema sobre aquilo. Era necessário dar uma voz em verso à causa abolicionista.

O grito se repetiu uma, duas, três vezes. Adquiriu um ritmo compassado. Seria talvez um escravo revoltado. Mas também poderia ser o Coimbra. De qualquer modo, era impossível ficar indiferente ao terrível efeito que aquele clamor produzia na alma de um ser humano. O coração disparava, o lenço que o acompanhava na tosse agora servia também para enxugar o suor do rosto... Era a sua vez de demonstrar a si mesmo a própria bravura. Ajudai-me, Senhor Deus dos desgraçados! Ouviu atento: o grito provinha da coberta logo abaixo do convés.

Lentamente, desceu as escadas. Os degraus gastos rangiam, retardando a sua respiração e o socorro à vítima. Receava que o capitão o apanhasse procurando ver o que não era da sua conta. Poderia expulsá-lo do navio? Mas, e se ousasse, a quem ele recorreria agora que o Coimbra tinha desaparecido?

Quando chegava aos últimos degraus, uma cena horripilante se passou diante de seus olhos: uma enorme turba de negros acorrentados, alguns rodando a cabeça sobre os ombros em evidente demonstração de demência, outros suplicando por água, mulheres chorando e gritando numa língua incompreensível, crianças miúdas berrando roucas e estendendo os bracinhos distantes na direção das mães... E, tentando controlar a gritaria e a movimentação, chicotes nas mãos dos marinheiros giravam no ar como serpentes e vinham estalar nas costas dos negros rebeldes. Isso seria suficiente para paralisá-lo. Logo, porém, Antônio ouviu um grito ainda mais alto e mais agudo que todos os outros, aquele grito compassado que escutara no convés. Era um menino que, não contando mais que oito ou nove anos de vida, desprezava a dor do açoite e se recusava a ficar preso às correntes; ao contrário, gritava e se mexia com toda sua limitada força. Sua voz aguda e os pulmões fortes apesar da pouca idade faziam com que o seu clamor ressoasse sobre os gritos de todos os outros, irritando ainda mais o carrasco, que aumentava progressivamente a força dos golpes.

O menino já estava coberto de sangue e feridas nas costas e nas pernas quando Antônio o viu; porém, outra visão o fez ainda mais horrorizado: ao lado do marinheiro estava um jovem de casaca cujos olhos fixos nos golpes mostravam a satisfação que sentia em ver a ordem sendo restabelecida pelo braço viril do homem do mar. Sua função, à primeira vista, era não permitir que a brutalidade do marinheiro viesse a ferir de morte o menino; no entanto, Antônio não demorou a perceber que, além disso, o jovem controlava também a regularidade e a intensidade dos golpes e indicava na pele do pequeno escravo onde o couro já estava muito fustigado e onde ainda se podia desferir-lhe o corretivo.

Esse jovem era Coimbra. Num sobressalto, Antônio procurou um lugar para se esconder, mas já tinha sido visto. Coimbra olhava firme em seus olhos, sem titubear, e até esboçando um leve sorriso. Em seu olhar transparecia o orgulho pela autoridade que lhe cabia dentro do navio. Por aqueles olhos, era possível acreditar que o convite a Antônio para que participasse da viagem não tinha outro intento que o de ser descoberto naquela função, de mostrar ao amigo abolicionista como é que se fazia um homem respeitável na sociedade, um comandante.

Antônio buscou o lenço na algibeira e tossiu, não de sua tosse costumeira, mas de uma náusea provocada pelo horror da cena imprevista, da crueldade do amigo e da consciência da impossibilidade de as coisas se passarem de outro modo. Era esse o jeito de viver dos marinheiros, com a bravura que ele havia tentado encontrar dentro de si naquela viagem. Procurou uma palavra para gritar, ordenar ao amigo que parasse, fazê-lo perceber a insanidade de tudo aquilo... Mas o único que pôde fazer foi continuar tossindo, escondendo com o lenço a boca e o nariz e esquecendo que, mais além de seu idealismo, o que importava a um homem da sociedade era uma boa colocação, um posto de comando, uma autoridade sobre os outros, o respeito dos marinheiros brutos e dos gentis senhores de engenho. No lugar da bravura que desde a partida inundava seu espírito e o fazia sentir-se orgulhoso da aventura, agora notava a impossibilidade de esboçar qualquer gesto que cessasse os golpes, que salvasse o menino de ser vítima da brutalidade daquele marinheiro sem alma.

Coimbra desviou dele os olhos para continuar o serviço. Antônio queria chamá-lo, implorar que parasse, mas isso poria o navio inteiro contra ele, um fraco, solitário, tentando impedir o trabalho de uma multidão de bravos. Fingindo não conter a tosse, saiu apressado em direção ao convés, procurando estar sozinho em seu cômodo. Estendeu-se no leito, mas logo teve de sentar-se para poder respirar. Tentava pensar só em Eugênia, mas não conseguia esquecer o horror que havia presenciado. Pela primeira vez, via na prática a que preço se sustentava o comércio negreiro. Ao mesmo tempo, um novo terror o assaltava: sentia-se preso ao cômodo, único refúgio em meio ao deserto e às trevas do mar e da noite lá fora. Antes nunca houvesse embarcado em tamanha loucura! Seus nervos afloravam à pele. A tosse recomeçava. Era preciso gritar a sua revolta. A visão atterradora do menino ensanguentado o pôs de pé. Então viu, sobre a escrivaninha, um poema recém começado. Era necessário gritar.

Recebido em setembro de 2012.  
Aceito em dezembro de 2012.